

# Macabéa

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI

Luan Victor Ferreira de Brito

URCA

 0000-0002-0735-8414

José Itallo Vieira Costa

URCA

 0000-0002-9600-4385

## EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

DONA MUNDINHA

**EXPERIENCE AND  
MEMORY**

DONA MUNDINHA

Como citar

BRITO, L. V. F.; COSTA, J. I. V. Experiência e memória: Dona Mundinha. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 13, n. 4, p. 84-96, out.-dez. 2024.



VOLUME 13, NÚMERO 4, OUT.-DEZ. 2024  
ISSN 2316-1663  
DOI: 10.47295/mren.v13i4.1833

RECEBIDO EM 26/07/2024  
APROVADO EM 20/08/2024

**Abstract:** The purpose of this article is to share the rich life experiences of Raimunda da Silva Ferreira, my grandmother, describing the most significant moments in her life as a daughter, wife, mother, grandmother, praying woman and member of a Coco da SCAN. Interviews and research were used to collect the material, with adjustment methods that requested theories that guide the work. The focus was on her childhood with her parents in Pernambuco, her migration to the city of Crato - CE, the challenges faced by Dona Mundinha because of prohibitions from her father, stepmother and husband, her relationship with her stepmothers, how and why Dona Mundinha became a praying woman, her spirituality, work, love of dance and joining the group Coco da SCAN of the Cratense association to support the needy (SCAN). The seniority and great contribution of her stories to the oral communities of Cariri constitute the justification of this file. The approach follows the popular culture research methods constructed by Ignez Ayala and Marcos Ayala, *celebration, faith and work*, axes of vital cultural nexus orality of the northeast proposed by Martins. The conclusion is that the importance of Raimunda da Silva Ferreira's wisdom is a reason for encouragement and inspiration, as she demonstrates the importance of a community's regional memory and family history.

**KEYWORDS:** Experience of life. Memories. Seniority. Coco's dance. Orality.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo compartilhar as vivências e a rica experiência de vida de Raimunda da Silva Ferreira, minha avó, evidenciando os momentos mais marcantes de sua vida como filha, esposa, mãe, avó, rezadeira e integrante de grupo de coco. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, com ajustes metodológicos requeridos pelas teorias que norteiam o trabalho. Entre as principais experiências abordadas, estão sua infância com os pais em Pernambuco, a migração para a cidade do Crato - CE, os desafios enfrentados por Dona Mundinha por causa de proibições do pai, da madrasta e do marido, sua relação com suas madrastas, como e porque Dona Mundinha se tornou rezadeira, sua espiritualidade, trabalho, amor pela dança e a integração ao grupo de Coco da Associação de Cratense de Apoio aos Necessitados (SCAN). A senioridade e a grande contribuição de seus relatos para as comunidades orais do Cariri constituem a justificativa deste registro. A abordagem segue os métodos de pesquisa de cultura popular construídos por Ignez Ayala e Marcos Ayala, além de orientar-se pelos núcleos  *festa, fé e trabalho*, eixos do nexos cultural vital oralidade nordestina, proposto por Martins. Conclui-se que a importância da sabedoria de Raimunda da Silva Ferreira são fontes de incentivo e inspiração, demonstrando a importância da memória regional de uma comunidade e de uma história familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência de vida. Memórias. Senioridade. Coco. Oralidade.



Copyright (c) 2024 Luan Victor Ferreira de Brito e José Itallo Vieira Costa

Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

# 1 INTRODUÇÃO

Raimunda da Silva Ferreira costuma ficar na calçada de sua residência no bairro Vila-Alta no município do Crato-CE, onde compartilha suas vivências e experiências de vida com seus filhos, netos, bisnetos e demais amigos que ali frequentam durante a semana. Nasceu em Granito, cidade pernambucana, em dezembro de 1945. Ainda em Pernambuco, morou até seus oito anos de idade na cidade de Serrinha e Caririzinho. Vivendo com a mãe e o pai, a vida era dura e a sobrevivência da família dependia, em grande parte, do que o pai caçava. Essa primeira infância, todavia, é lembrada como um período feliz, suavizado pelo carinho que ela recebia de sua mãe Dona Maria Josefa e pela liberdade que tinha de poder brincar, além do direito de frequentar a escola. Dona Mundinha, assim conhecida, conta que sua mãe veio de família indígena do estado de Alagoas com grupos da "rumerada". A menina Maria Josefa levava a vida de maneira simples. A maior parte de seu tempo, ela passava nos campos e serras, onde teria conhecido Raimundo, o pai de Dona Mundinha. Assim começaram uma união da qual nasceram onze filhos. Destes, apenas quatro não foram natimortos, sendo Dona Mundinha a mais velha dos que sobreviveram ao parto.

Depois de uma gravidez conturbada, Dona Maria Josefa veio a falecer junto com a recém nascida, deixando quatro filhos e seu marido. Dona Mundinha conta que foi um período difícil, pois seu pai costumava sair para trabalhar e voltava muito tarde. Ela, aos oito anos, foi obrigada a assumir, então, as responsabilidades e afazeres domésticos. Para agravar ainda mais a vulnerabilidade provocada pela morte da mãe, a filha se encontrava abalada e em estado de luto. Ela recorda que era difícil, durante o dia, frequentar a própria casa onde moravam, devido ao trauma do luto, entrando apenas na companhia de seu pai, quando este chegava à noite.

Após o falecimento de Dona Maria Josefa, o pai, Raimundo Gabriel, veio a casar-se novamente. O novo matrimônio ocorreu em função da necessidade de alguém para ajudá-lo na criação de seus filhos, visto que tinha que garantir o sustento da família. Dona Mundinha mudou-se em de 1953, para a cidade do Crato, fixando-se no bairro Baixio do Muquém. Neste momento, ela conheceu sua nova madrasta, Raimunda, e seus dois irmãos postíços, e, a partir daí, continuou em sua vida de muito trabalho e restrições.

Quando chegou em Crato, com seu pai e seus irmãos mais novos, Dona Mundinha teve a vida mudada, pois foi neste momento que ela conheceu sua madrasta Raimunda. Antes do falecimento da mãe e quando morava no Caririzinho-PE, Dona Mundinha relembra que neste período tinha uma vida simples, que havia uma extrema pobreza, escassez de comida e de trabalho, mas que tinha algo que era muito importante para ela, os cuidados, carinhos e afetos que tinha da parte de sua amada mãe, Maria Josefa. Foi neste momento que ela sentiu mais falta de sua mãe, pois sua madrasta era uma pessoa que não se importava com ela e se aproveitava de sua ingenuidade. Então ela passou a trabalhar de todas as formas, a mando da madrasta e do pai. A seguir, um trecho transcrito de uma de nossas conversas com Dona Mundinha em que ela fala sobre isso, “[...] eu sofri que nem jumento sem pai, que nem filho sem pai, filha sem mãe. Sofri lá também! Mas ela botou nós foi no castigo pra trabalhar, trabalhar que nem doida mesmo.”. Vale destacar que a transcrição feita por mim, tenta ressaltar as principais camadas de sua fala, em que ela fala abertamente sobre seu sofrimento

como um castigo que lhe foi dado pela sua madrasta e também a maneira como ela se sentia sem a presença materna, além a comparação de seu trabalho árduo com o de um animal.

Em outro momento, ela rememora, com bastante tristeza, a proibição de frequentar a escola, visto que, antes, ela e os irmãos frequentavam a escola, quando ainda estavam sob a guarda da mãe. Segundo ela, a nova situação chegava a ser mais dolorosa, pois somente ela e seus irmãos não podiam ir, já que os filhos de sua madrasta frequentavam a escola:

[...] nem o descanso de ir pra escola. Minha mãe quando eu era pequena, e nois morava lá embaixo, lá no baixi... no, no... Naculá! [época em que morava com a mãe, no Caririzinho]. Nois ainda ia pra escola, nois ia pra escola, minha mãe botava mais eles, [irmãos] mas aí depois que ela morreu... Meu pai casou com essa outra, pronto! Nois não fomos pra escola nenhuma mais, nois não tivemos mais [...]

Pelo trabalho excessivo que ela teve que aturar, ela via a escola como uma fuga de sua realidade. No espaço de estudo, ela poderia brincar com seus colegas, se divertir e descansar, mas infelizmente o trabalho infantil era sua dura realidade. Esse problema ameaçava não somente a vida de Dona Mundinha, mas de diversas crianças daquela época, que precisavam trabalhar por uma questão de sobrevivência. Hoje em dia, aquela privação resultou no analfabetismo funcional ou completo de muitas delas, inclusive de Dona Mundinha.

Em outro trecho, ela também expressa como se sentia diante tudo que a madrasta fazia:

Eu se sentia muito humilhada! Eu me sentia muito humilhada... nois era correndo que nem doido pra trabalhar, pra cuidar de jumento, pra cuidar de jumento não... pra cuidar de porco, pra cuidar de cabra, pra cuidar de tudo, de galinha, pra cuidar de buscar água nos cacimbão, pra dar pra esses bichos beber. Nois nunca tivemos tempo de nada. Nunca, nunca, nunca. Pra não dizer que estou mentindo, só tinha aquele tempinho quando caía de noite. Nem um quarto, nois nem a rede pra nois dormi nois não tinha, era no chão, no chão com as tirinhas de rede.

A madrasta e o pai privaram Dona Mundinha de muitas coisas como brincar, sair, ter amigos e até mesmo de frequentar a escola. E para Dona Mundinha, ir a escola significava descanso, sossego, e brincar era poder fazer o que lhe desse prazer, momentos descontraídos, ir nos “forrós”, paquerar rapazes de sua idade, conhecer pessoas, tudo o que adolescentes fazem em certos período de suas vidas. Essa experiência lhe foi negada, visto que ela tinha que ajudar nos afazeres de casa, assim como também nas plantações de roças que seu pai cultivava, na criação de animais, que eram os únicos meios de trabalho que sua família tinha para levar a vida.

Outro aspecto comum nessa época era fugir para outros lugares em busca de uma vida melhor, e isso foi o que aconteceu com dois dos irmãos mais novos de Dona Mundinha. Não aceitar o que acontecia em suas vidas era algo que não podia ser feito em nenhuma hipótese, pois os pais ou provedores da casa sempre tinham suas regras, regras essas que não poderiam ser infringidas em grau nenhum. Um dos irmãos de

Dona Mundinha não simpatizou de nenhuma forma com sua madrasta e foi embora ainda pequeno, chegando a voltar depois do falecimento da madrasta. Depois de um tempo, outra irmã fugiu com um rapaz para poder se casar, não voltando nunca mais e deixando a situação ainda pior para Dona Mundinha. Questionada porque nunca teve a coragem de fugir para outro lugar e viver sem proibições, como seus irmãos, ela diz que sempre foi medrosa e que não tinha coragem para fazer algo parecido.

Dona Mundinha relembra, com muita tristeza, o que teve de passar durante muitos anos, mas, apesar de tudo, ela ainda demonstra gratidão a sua madrasta por ter aprendido aquilo que sabe. Teria sido por causa dela que aprendeu a trabalhar. Então, por mais que ela tenha sofrido ao ter passado por situações ruins, ela ainda é capaz de manifestar gratidão. Além de permitir que conheçamos melhor o seu temperamento, a gratidão permite que compreendamos o valor que o trabalho e todo aprendizado a ele relacionado ocupam em sua reflexão sobre si mesma. O sustento de sua família, por depender da capacidade de trabalhar, constitui um elemento que estabelece uma justificativa e, em certa medida, algum grau de reconhecimento de uma dívida simbólica para com a pessoa que tanto lhe maltratou.

## **2 FESTA**

Quando o pai de Dona Mundinha conseguiu se estabelecer no Crato com suas plantações e criações de animais, ele iniciou uma tradição de fazer renovações de seus votos religiosos, hábito que é comum no Cariri. Todos os anos, na data de 15 de dezembro, como forma de agradecimento e festividade, Seu Raimundo fazia a Renovação do Sagrado Coração de Jesus. Nessas ocasiões, ele convidava vizinhos, amigos e, no contexto desse tipo de celebração de devoção religiosa, eram também convidados grupos de reisado e bandas cabaçais. A festa convive com a fé; as rezas, com brincadeiras, folias e entretenimento. As celebrações no terreiro de sua casa também surtiam o efeito de entreter as pessoas e, principalmente, os filhos, visto que não tinham nada além do trabalho. Ao participar das renovações, Dona Mundinha começou a se interessar pela dança. Era uma criança que muitas das vezes não tinha a liberdade de brincar como gostaria. Uma vez por ano, porém, ela tinha a oportunidade de assistir às renovações que seu pai fazia, permitindo-lhe o contato com as apresentações de reisado. Dona Mundinha ficava cada vez mais interessada com as encenações e as danças e tinha o desejo de poder participar, mas, infelizmente, seu pai não permitia. Ela se contentava, assim, em acompanhar como plateia a festa e a folia dos integrantes.

A cada ano comparecia um mestre diferente. Dona Mundinha lembra de alguns artistas que vieram participar das renovações, entre eles, o Mestre Dedé de Luna e o Mestre Aldenir, artistas do reisado, e bandas cabaçais cujos nomes ela não recorda. O reisado, na maioria das vezes, estava presente pelo seu valor simbólico da dança dramática do ciclo natalino, centrada no tema dos três reis magos e na celebração do nascimento de Jesus Cristo, que agradava a todos que compareciam nas renovações. Já as Bandas Cabaçais são grupos artísticos com influência indígena e africana que aclamavam o Coração de Jesus, e que têm uma forte influência, principalmente, no cariri cearense, região habitada por muitos descendentes dos povos Cariris.

Dona Mundinha lembra que a maneira de retribuir a presença e a participação dos artistas era a oferta de uma refeição farta. Havia, então, um limite de convidados,

pois havia uma quantidade de comida que seu pai poderia oferecer. Isso levou Seu Raimundo a fazer os convites de forma estratégica, evitando convidar mais de um grupo por vez e repetir o convite ao mesmo grupo em anos seguidos.

### 3 INÍCIO DE UMA MISSÃO

Algum tempo depois, a madrasta de Dona Mundinha faleceu e isso lhe desencadeou uma série de problemas. Dona Mundinha começou a sentir falta de sua mãe, a ponto de ficar muito perturbada, e, então, ela adoeceu. Durante muito tempo, não conseguia fazer mais nada. As pessoas próximas a seu pai começaram a aconselhá-lo a levar a filha para os ciganos, porque o mal dela seria de origem espiritual e só poderia ser resolvido lá. Seu Raimundo não aceitava essa solução, provavelmente pelo estigma imposto ao povo cigano no Brasil e, particularmente, no Nordeste. Como temia que ela piorasse, resolveu levá-la para morar em outra casa, no Barro Branco, um outro bairro do Crato, pois ele acreditava que a casa, em que a madrasta havia morado antes de falecer, afetava a menina de alguma maneira. Com a mudança de residência, Mundinha veio a melhorar.

Mais tarde, Mundinha conheceu um rapaz por quem se apaixonou. Logo depois noivou, porém seu pai desaprovou a relação por ouvir boatos de que esse homem havia cometido vários feminicídios contra suas antigas esposas. Isso levou Seu Raimundo a mudar-se novamente para o Sítio Serrinha, para separar o casal. Mais tarde, Dona Mundinha conheceu Francisco de Assis, seu futuro marido, com quem, por influência do pai, casou-se. O casal permaneceu morando na Serrinha, um sítio localizado no Crato. A princípio, Dona Mundinha não estava feliz com essa nova união, mas, quando ficou ciente dos boatos sobre seu antigo noivo, decidiu que seria melhor para sua vida seguir em frente.

O casal teve oito filhos, restando, hoje em dia, apenas cinco vivos. Dona Mundinha e Assis lutavam diariamente para poder sustentar sua família. Assis era um agricultor nascido e criado no Sítio Serrinha. Dedicava-se, com tudo o que podia, para ajudar Dona Mundinha na criação de seus filhos: plantava, quando os solos estavam férteis; fazia serviços de carregos; ajudava nas colheitas, entre outros serviços. Dona Mundinha começou a trabalhar nas casas de família, nos serviços gerais. Foi descascadora de mandioca, lavadeira de roupas, ajudava em colheitas e, dessa maneira, foram levando a vida. Os filhos começaram a seguir os caminhos dos pais, pois as circunstâncias os obrigaram a começar a trabalhar e nenhum conseguiu concluir nem mesmo o ensino fundamental. Aos 42 anos, Assis sofre um acidente vascular cerebral que o coloca numa cadeira de rodas, aumentando ainda mais as dificuldades, pois agora Dona Mundinha tinha que dar a assistência para o marido.

Diante de todas as circunstâncias que atravessavam a vida de Dona Mundinha, ela retornou aos mesmos problemas espirituais de anos anteriores. Decidiu, então, frequentar o Vale do Amanhecer em busca de uma cura definitiva para suas aflições. Embora essa solução já tivesse sido cogitada, havia sido negada pelo pai e, posteriormente, pelo marido. Depois do acidente do marido, nada a impedia. O novo espaço religioso foi o que de fato a ajudou:

[...] É o Vale, que o povo chama Vale do Amanhecer. Um negócio que a pessoa se cura, ne? A pessoa vai, a pessoa que tem um problema, aí procura. Aí eu frequentei lá um bocadinho de tempo. Agora só que eu não tô mais lá não, por causa que... Eu frequentava quando era no seminário [...]

Depois de passar por todos os trabalhos, ela teria sido convidada para permanecer no Vale do Amanhecer, viajar para Brasília (onde fica o principal templo no Brasil) e assim aprender mais sobre a religião, passar por palestras e ensinamentos que seriam necessários para continuar ajudando as próximas pessoas que viriam em busca de ajuda. Infelizmente ela não continuou por dois motivos. Em primeiro lugar, porque o Vale do Amanhecer mudou sua sede, deixando o bairro Seminário e se estabelecendo no Sítio São Vicente, distante dez quilômetros de onde morava na época. A outra razão envolvia a ausência de condições financeiras para assumir os compromissos que a vida na comunidade religiosa exigia: viagens e indumentárias específicas para os ritos e cerimônias. Foi então que ela decidiu, por si mesma, que iria usar o dom que teria recebido para rezar em crianças e assim estaria ajudando o próximo como lhe foi destinado. Sobre a cura, Dona Mundinha afirma:

Curei! Aí eu também não rezava ninguém não. Mas aí quando eu passei lá, o que passa? Por um doutrinador, né? O doutrinador que recebe as coisas, e quem fala com a gente. Aí ele perguntou se eu queria trabalhar. Aí depois foi que eu fui ver o trabalho como era. A gente... Por a gente mesmo a gente sabia.

Depois de frequentar o Vale do Amanhecer, conhecer, passar por um doutrinador e finalmente ser ajudada, Dona Mundinha sentia que seu dom não deveria ser desperdiçado e que sua falta de condição de permanecer na religião não deveria impedi-la de usar seu dom para ajudar aqueles que necessitavam de ajuda, assim como um dia ela precisou ser ajudada. Por isso, decidiu que a melhor forma de usar seu dom seria rezando em crianças de sua própria comunidade. Dessa maneira, iniciou sua missão como rezadeira com a finalidade de rezar em crianças de sua vizinhança e de pessoas que começaram a procurar ajuda.

## **4 A MEMÓRIA NO ENCONTRO DE GERAÇÕES**

A memória, no campo de estudos da cultura popular, apresenta-se, quase sempre, sob duas faces. Uma delas contempla o passado e carrega consigo o material, os valores e o saber-fazer (como *tekhné*, arte e tecnologia a um só tempo, preservada ou perdida). Essa é a memória depositada nos documentos, nos artefatos, nas formas que os objetos e saberes e fazeres estéticos assumem. Sua outra face nos contempla. Olha para nós pelos olhos de seus detentores e nos guia entre os labirintos da memória depositada. Essa é a memória empenhada, a memória que autoriza e é autorizada pela senioridade como fundamento do lugar complexo que é a mestría, argamassa de passado que sustenta os blocos do presente e desafia o futuro.

Nesse sentido, a memória dos idosos ganha um valor singular no encontro de gerações, pois é deles que vem a maior parte dos conhecimentos e experiências de períodos que só subsistem como relatos de vivências e experiências. Como afirma Bosi

(2003, p.15) “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”.

Com a modernização muitas coisas mudaram e inclusive a maneira de transmitir conhecimentos:

A história era feita a partir da capacidade de memorização dos membros do grupo social e de suas preferências. Havia, portanto, um registro “incerto” da realidade, fortemente filtrada pelo sujeito da ação. A mediação desse sujeito, nesse tipo de comunicação, era de fundamental importância para a continuidade histórica do conhecimento, pois não havia a escrita. A escrita foi um dos mais importantes desenvolvimentos técnicos do ser humano assim como a fala foi o principal instrumento utilizado no tempo da oralidade (Lima, 2007, p. 276).

Assim, a oralidade se destaca como precursor para fazer disto possível, demarcando a importância de relatos, contação de histórias, tradições orais como base inicial de um processo que futuramente se originaria em uma das maiores criações da humanidade, a escrita. O diálogo entre gerações funciona como um lugar de encontro das memórias. No momento em que ouvimos as experiências de vida dos nossos avós, dos nossos pais ou até mesmo de pessoas que, embora não se integrem em nossas famílias, ocupam posição de senioridade, a memória se manifesta como uma representação das várias gerações que aqui existiram e que sempre vêm carregadas de emoções e sentimentos. Isso acontece em várias ocasiões em que Dona Mundinha relembra episódios de dores e injustiças de sua vida, como por exemplo de como era tratada pela madrasta, mas também de alegria e muita saudade, quando vivia sob os cuidados de sua mãe, Dona Maria Josefa.

A memória de Dona Mundinha promove o registro da sua experiência em dois planos, o individual e o comunitário. Os fatos, no contexto de sua capacidade de narrar, não são incertos. Os fatos se organizam de um modo que a escrita não é capaz de reproduzir, porque foram compartilhados dentro da família, entre filhos e netos, compondo um repertório da história vivida que pode ser acessado e movido por novos narradores. O registro sistematizado que é proposto por um neto não será superior em confiabilidade enquanto aquela comunidade narrativa não decidir adotar os critérios de validação que surgem em torno do domínio da escrita (ou da submissão a ela). Por enquanto, a comunidade narrativa constituída em torno da matriarca possui toda a capacidade e inteligência narrativa necessária à salvaguarda e transmissão das experiências que constituem seu patrimônio vital.

#### **4.1 SENIORIDADE NAS CULTURAS ORAIS**

João Luiz Carneiro e Maria Elise Rivas, em um estudo sobre o tema em religiões de matrizes africanas e sob a ótica da teologia (2012), definem a senioridade como a condição propiciada pela vivência e pela aquisição de experiência, capaz de habilitar o sujeito ao papel de mediar a relação entre os integrantes de sua comunidade e os saberes da tradição pertencentes ao grupo. A senioridade, embora



esteja associada aos “mais velhos”, é, neste sentido, o processo que confere prestígio àqueles que possuem experiências e saberes tradicionais em ambiente social comunitário, o que está ativamente relacionado com as culturas orais. Michel Foucault (1993) sustenta que, para desempenhar o papel de poder, o sujeito precisa ter o saber. Por isso, muitas das vezes, os “mais velhos”, em suas comunidades, assumem papéis de liderança e mestria e são vistos como pilares para as comunidades, que têm a oralidade como base da comunicação, da aprendizagem e das práticas religiosas. Falando das comunidades tradicionais de terreiro, Rodnei William assinala que valorizar

[...] a experiência e o conhecimento dos mais velhos é algo comum em diversas culturas, mas no Candomblé idade é ainda sinônimo de saber. Portanto, numa religião de transmissão oral, com fundamentos que remontam a um passado longínquo e com rituais tão particulares, se idade e saber não caminharem juntos não há poder que se estabeleça. (2012, p.15)

O raciocínio, como se vê, confirma a tese de Foucault. Existe, contudo, uma diferença importante quando a idade, por si só, já estabelece o poder, sendo o saber um pressuposto formal. Por serem os pilares para a construção representativa da religião, os sujeitos seniores podem alcançar a posição de sacerdote ou outra posição hierárquica, presumindo-se a posse do saber ou a autorização para acessá-lo. Rodnei William acrescenta que, entre

[...] os irmãos-de-santo, as designações de “mais velho” (ebômi) e “mais novo” (aburo) são usuais, mas se referem sempre ao tempo de iniciação, ou seja, o que importa é a ordem de nascimento para a vida religiosa. Portanto, é possível ser “sênior” sem ser necessariamente velho, isto é, idoso. De qualquer forma, o princípio da senioridade pressupõe comportamentos e expectativas. Os sinais de velhice auferem um status de senioridade e delegam poder e força àqueles que os detêm. Em outros termos, no Candomblé a velhice é um símbolo que remete imediatamente à senioridade, que imbrica as idéias de autoridade e conhecimento. (Eugenio, p. 40 e 41)

A condição de sênior no contexto da comunidade oral difere da perspectiva do senso comum também no que refere à transmissão de conhecimentos, uma vez que repassar saberes e experiências não constitui necessariamente o dever do sênior. A senioridade não é simplesmente transferível, mas trata-se, antes, de um acúmulo de experiências retidas por uma pessoa. Essa distinção se evidencia em um determinado contexto, quando Dona Mundinha é interpelada acerca de sua prática como rezadeira, e nesse momento, acaba ficando com receio de falar sobre determinada situação. Então, percebe-se que os conhecimentos dos seniores, seletivamente, podem ser acessados ou não de acordo com os indivíduos.

## 4.2 SCAN

Em outro momento de sua vida, Dona Mundinha encontrava-se em meio a dificuldades financeiras e um dia foi indicada para participar das atividades oferecidas pela Sociedade Cratense de Apoio aos Necessitados (SCAN). Localizada

na rua Padre Ibiapina - 194, no bairro Pinto Madeira na cidade do Crato-CE, a SCAN é uma associação filantrópica que ajuda idosos da comunidade, propondo atividades artísticas e terapêuticas. Dona Mundinha, então, começou a frequentar a associação e recebeu a ajuda e o suporte de que precisava. A partir daí, começou a participar de todas as atividades ofertadas, como artesanato, reisado, maneiro pau, exercícios físicos terapêuticos etc. O grupo O Coco da SCAN foi criado com a finalidade de preservar e materializar a sabedoria da comunidade local. Dona Mundinha se tornou integrante e participa dos ensaios, semanalmente. Começou então a ter seu primeiro contato com o coco, que se caracteriza como um canto dançado performado em grupos ou duplas. Como Dona Mundinha já tinha proximidade com o reisado, da época em que seu pai trazia para as renovações, foi fácil para entrar e permanecer nas brincadeiras do grupo até os dias atuais, sem proibições, realizando suas vontades e vivendo sua liberdade como sempre quis.

De acordo com as pesquisas conduzidas por Ridalvo Felix, o Coco da SCAN constitui-se como um dos grupos mais recentemente formados. O grupo surgiu por meio da iniciativa do cantor e animador cultural João do Crato, que assumiu, também, a responsabilidade pela integração dos membros para compor o grupo. Dessa forma, a iniciativa quebra a estrutura tradicional de vínculos de parentesco e de vizinhança, que é uma característica de outros grupos de coco da região. O propósito central do grupo é desenvolver e propor atividades benevolentes direcionadas aos idosos da comunidade. O caráter comunitário surge através dos exercícios de cantar, dançar e rememorar experiências vivenciadas pelos integrantes artistas.

Ridalvo Felix, ainda em suas pesquisas, relata que o repertório da SCAN é apresentado de maneira bastante diversificada, que se constitui por declamações de poesias, por peças de reisados e, evidenciando a heterogeneidade de sua formação, por canções de sucesso dos cantores prediletos das componentes. Entretanto, a mestra do Coco da SCAN, Dona Naninha (Ana Gouveia), desempenhou um papel crucial ao recuperar dezenas de cocos que havia aprendido durante sua juventude com o Mestre de sua infância, Seu Chico Carnaúba, que os havia aprendido com alagoanos que cruzaram seu caminho. Dona Naninha, de forma única, enriquece os cocos com uma cadência e rítmica mais lentas, destacando ainda mais sua voz, o que a diferencia das outras mestras da região. Ao se juntar ao grupo, foi acolhida sendo considerada a mestra do Coco da SCAN, inclusive por Dona Mundinha, que demonstra um enorme prazer por tê-la como mestra e pela oportunidade de integrar-se ao grupo.

O Coco da SCAN conta, também, com a participação de crianças e adolescentes, o que se tornou cada vez mais comum nas apresentações e nos ensaios do grupo. Então a SCAN, para Dona Mundinha, foi um lugar onde ela pôde vivenciar diversas experiências que a ajudaram mentalmente e fisicamente. Ademais, com as apresentações do coco em outras cidades, viajou e conheceu diversos lugares que para ela foram experiências que antes não poderia ter.

#### **4.3 EXPERIÊNCIA E POBREZA (WALTER BENJAMIN)**

Para Walter Benjamin os costumes são passados por antigos familiares, que durante seus processos de aprendizagem receberam formas de desempenhar uma atividade. Os sujeitos adotam esta forma de aprender como experiência, tendo isto como objetivo, comprometidos a repassar o que aprenderam para uma nova geração.

No decorrer da passagem de experiência para o próximo, é necessário entender que podem ocorrer novas adaptações durante o processo.

É possível entender que a experiência pode dar continuidade para diversos tipos de culturas, tradições e memória de outros indivíduos, porém, com o passar dos anos, pode-se perceber que os sucessores deste processo podem estar cada vez menos interessados nele. Este é o motivo, segundo o pensador alemão, para que haja uma perda de histórias ricas em experiências. Em seu ensaio, **Experiência e pobreza** (1987), ele configura o tema em um contraste com a memória, a morte e a transmissão intergeracional:

[...] um velho [...] no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (Benjamin, 1987, p. 114.)

A história mencionada por Benjamin trata sobre um processo de passagem do “tesouro familiar”, mas a falta de estímulo das gerações beneficiadas das experiências aparece como um obstáculo ou uma ameaça. Sendo assim, é possível entender que a experiência que é passada de antigas gerações para uma nova, por muitas vezes, está ameaçada de se perder no tempo. O principal antídoto para essa ameaça parece estar nos fundamentos da existência de comunidades narrativas, embora elas mesmas também estejam ameaçadas pelo tempo presente. O autor chega, então, diante de perguntas desafiadoras:

[...]Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1987, p. 114.)

Estas perguntas geram questionamentos sobre o interesse da nova geração pelo legado da geração que a antecedeu, que deveria dar continuidade ao conhecimento e experiência que lhe foram repassados. É compreensível, na opinião de Walter Benjamin, que os avanços da sociedade tenham sido o motivo para a mudança de rumo daqueles(as) que tinham o fardo da experiência e, com isso, esses avanços tenham provocado o desvio de pensamento no tempo das modernidades.

O elo que Dona Mundinha estabeleceu com as gerações anteriores demonstra que, apesar das circunstâncias difíceis, nem tudo estaria comprometido. Dona Mundinha criou vínculos que contribuíram para agregar valores como o do trabalho árduo, da preservação da tradição familiar, do amor pela sua família e pela dança. Tais valores também seriam mantidos por seus familiares. É possível afirmar, assim, que as experiências que Dona Mundinha teve assumem uma grande importância para aqueles que têm a vida dela como exemplo; para aqueles que viram sua determinação diariamente e, também, para os que buscaram dela a ajuda necessária para acalantar

seus corações em virtude dos abalos de saúde em suas famílias. Benjamin, afirma que o ser humano não tem a obrigação de entender as novas experiências, mas de libertar-se delas. Dona Mundinha aprendeu muito com suas vivências, tanto as boas quanto as ruins, e dessa maneira se manteve firme.

## REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. **Metodologia para a pesquisa das culturas populares**: uma experiência vivenciada. Crato: Edson Soares Martins Ed., 2015.

BARROSO, Oswald. **Reisado**: um patrimônio da Humanidade. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: Obras escolhidas*: ensaios sobre literatura e história da cultura. v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1982 [1933], p. 123-129.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CARNEIRO, João Luiz; RIVAS, Maria Elise. Teologia da tradição oral: uma questão para as religiões afro-brasileiras. **Revista Pistis & Praxis**: Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 609-624, 2012.

CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. SCAN - Sociedade Cratense de Auxílio aos Necessitados. *In: CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Mapa Cultural do Ceará*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, [s.d.]. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/61623/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

EUGÊNIO, Rodnei William. **A bênção aos mais velhos**: poder e senioridade nos terreiros de candomblé. São Paulo: Arole Cultural, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LIMA, Gercina Ângela Borém. A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, v. 30, n. 2, p. 275-285, 2007.

## OS AUTORES

**Luan Victor Ferreira de Brito** é bolsista de Iniciação Científica junto ao projeto Poéticas orais do Cariri: os cantos dançados da tradição negra, (Funcap -Processo BP5-0197-00210.01.01/23) da Universidade Regional do Cariri, sob orientação do professor Edson Soares Martins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas e Literatura Oral Popular.

**José Itallo Vieira Costa** é bolsista de Iniciação Científica junto ao projeto Poéticas orais do Cariri: os cantos dançados da tradição negra, (Funcap -Processo BP5-0197-

00210.01.01/23) da Universidade Regional do Cariri, sob orientação do professor Edson Soares Martins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas e Literatura Oral Popular.